

Há muitos anos atrás, quando iniciava a caminhar pelos caminhos da Psiquiatria da Infância e Adolescência e a necessidade pessoal de mitos era muito intensa, eu o conheci. Seu nome: Stanislaw Krynski.

Meio cavaleiro andante na busca de um Graal pouco valorizado, em uma messiânica jornada, como diz Pessoti, ele caminhava estudando crianças e adolescentes autistas ou deficientes mentais.

Don Quixote, terçava lanças com grupos e pessoas diferentes argumentando sobre a importância dessas crianças e da necessidade de serem cuidadas com, no mínimo, algum senso de humanidade.

Tempos difíceis esses, nos quais a visão objetiva da criança, de maneira não psicanalítica, importava em ser considerada como alguém incapaz de perceber a profundidade da dinâmica e da vida inconsciente infantil.

Entretanto, como disse Grunspum, sua formação médica fazia com que fosse um apologista dos diagnósticos e das abordagens medicamentosas. Não da forma irresponsável como muitas vezes tais atitudes são tomadas, porém considerando os aspectos desenvolvimentistas e os possíveis prejuízos daquele ser em desenvolvimento submetido a essas abordagens.

Muitos anos antes, já essa vocação quixotesca ocasionara o trazer a Psiquiatria Infantil para estas terras distantes, onde, de forma difícil, pouco a pouco ela cresceu e frutificou.

Como professor era uma figura singular.

Quando questionado sobre a criação de uma escola própria, respondia com seu tom irônico:

– “Veja bem.

Eu não inventei nada, nem descobri nada. Dessa maneira, como posso exigir que alguém pertença a minha escola?

Acho que me orgulho de dizer que ensinei todos os meus alunos a pensar por sua própria cabeça. Dessa maneira hoje tenho ex-alunos psicanalistas, existencialistas, clínicos, de todas as escolas possíveis.

Creio que essa é a função do professor. Ensinar os alunos a escolherem seus próprios caminhos”.

Crítico mordaz, desprezava as convenções, as pompas e as formalidades que cercavam a vida acadêmica. Muitas vezes, quando conversava sobre alguma grande e eminente figura, para mim ainda pessoalmente desconhecida, perguntava de forma irônica:

– “Você já ouviu falar?

Não?! Então escute e depois você me diz se vale a pena?”

Entretanto, mesmo com seu espírito divertido, era extremamente rígido naquilo que considerava fundamental na formação de seus alunos.

Assim, não raro, no meio da tarde de domingo, “aparecia” na residência para verificar se os médicos-residentes lá estavam. Afinal, “residência significa exatamente isso. Morar no serviço...”

Da mesma maneira ensinava de um jeito que inicialmente parecia estranho. Ao procurá-lo com um caso de difícil encaminhamento, sua primeira resposta foi:

“Que livros você já leu para tentar encontrar a solução?”

Ante minha resposta negativa, mandou-me estudar e depois procurá-lo.

Dias depois, pergunta-me sobre o paciente.

Com a minha resposta sobre o encaminhamento e a solução realizados após a pesquisa nos livros sugeridos, diz de forma crítica:



Dr. Stanislaw Krynski

– “Pois é, doutor.

Quando se tem um caso difícil, antes de se perguntar para alguém, vai se procurar nos livros. Normalmente eles têm a resposta. Se depois disso você não conseguiu, aí sim, procure o professor...”

Como profissional criou serviços que podem ser considerados modelos enquanto sob sua chefia. Assim, a APAE-SP foi “construída” por ele para tornar-se o mais importante centro latino-americano de estudos da deficiência mental. A partir dele estabeleceu-se o intercâmbio com grande parte do mundo. Telma Reca, Prego e Silva, Balthazar, Stevens, Eloiza De Lorenzo, Irene Jakab, Joaquim Craviotto, enfim, toda uma geração dedicada à criança chegou através dele a nosso país para contribuir de alguma forma para a nova especialidade. Isso sem contar com aqueles que no Brasil já trabalhavam e que foram por ele reunidos: Helena Antipoff, Zaldo Rocha, Olivia Pereira e muitos que com ele constituíram a ABDM – Associação Brasileira para o Estudo da Deficiência Mental.

Da mesma maneira “fundou”, junto com Antonio Branco Lefèvre, a ABENEPI, que além de congrega psiquiatras e neuropediatras, iniciou a alinhar uma idéia que, na Psiquiatria brasileira, só foi valorizada muito tempo depois: a das equipes multidisciplinares.

Mais adiante lutou em outros campos. Ao assumir a chefia do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, tentou organizar um serviço de Psiquiatria Infantil. Atitude difícil em um país que pouco valoriza suas crianças e, principalmente, as atitudes de preocupação com elas.

Entretanto, a tarefa que parecia impossível vingou. Ainda que de modo difícil, estabeleceu um núcleo que deverá se fortalecer e crescer gradativamente.

Seus alunos, hoje, pertencem a praticamente cinco gerações diferentes, abrangendo desde aqueles que hoje já são professores até aqueles que ainda se iniciam no caminho. Isso porque sua força de vida fez com que, até o último momento, a criança fosse o motivo de sua existência.

Como sempre, era impossível “fazer coisas” e não deixar desafetos. Entretanto, sempre passou por cima daqueles que o ofendiam ou mesmo o humilhavam.

Quando ouvia minha argumentação de que deveria reagir diante de provocações ou humilhações que lhe faziam, respondia de forma interessante:

– “Veja bem, a idéia é que importa. Se eu fizer o que você me fala, algo pelo qual lutei e acreditei por muitos anos será prejudicado...”

Dessa maneira, morreu da mesma maneira que viveu.

Os alunos o esperavam na Faculdade quando não compareceu. Não o fez porque não mais o poderia fazer.

Foi assim que soubemos de sua morte.

Pelo não comparecimento a algo que lhe era extremamente caro e que só aconteceria por motivos extremamente importantes.

Entretanto sua idéia permanece.

Ainda que com dificuldades, a “sua” especialidade cresceu e deverá continuar a crescer nos próximos anos.

Novas gerações deverão continuar seu trabalho, embora eu não saiba se da mesma forma divertida, elegante e eficiente.

Sua força de vida, que venceu dois enfartes, um câncer, diferentes cirurgias e por fim um AVC, deverá permanecer para que os novos psiquiatras da infância possam levar com êxito a tarefa por ele começada.

Não existe muito mais o que dizer, embora pudesse ficar por muito tempo contando suas histórias, seus exemplos e seus ensinamentos.

Agora, além da saudade, só resta uma idéia final.

– “Valeu, chefe! Um grande abraço e até algum dia.”

Prof. Dr. Francisco B. Assumpção Jr.